



Apresentação

É com muita alegria que saudamos a chegada do número 23 da *Revista Dramaturgias* e seu dossiê especial sobre as novas produções de ópera no Brasil. Mais do que revisitar o repertório, a criação e montagem de novas óperas possui diversas funções e implicações.

Primeiro, reforça um campo de trabalho muitas vezes pouco percebido, não apenas para compositores, arranjadores, letristas – todo a cadeia produtiva é beneficiada por novas produções.

Segundo, a produção de novas óperas traz para o palco temas, figuras e situações que são relevantes para os tempos atuais. Óperas do passado faziam isso, negociavam com sua época, com o que era importante discutir de seu passado, seu presente, seu futuro. A historicidade do fazer artístico se revela na trama múltipla do tempo. Precisamos de novas criações, pois vivemos sob o eixo da mudança.

Terceiro, novas produções operísticas são oportunidades para experimentações, principalmente nesses tempos pré e pós pandemia, marcados pelo impacto e incremento de novas relações de presença em virtude das mediações tecnológicas – ainda mais em se tratando, por exemplo, de ópera de câmera, com grupos instrumentais menores e menos cantores.

Quarto, novas e em maior número, produções de óperas contribuem para criar novos públicos, novas audiências, expondo mais pessoas às fronteiras entre teatro e música.

Quinto: novas produções locais/regionais de óperas trazem para mais perto de criadores e públicos o processo criativo e a cadeia produtiva de empreendimentos interartísticos dos quais só ouvíamos falar por livros e vídeos. Há um senso de pertencimento, de descentramento nisso: podemos, somos capazes de fazer dramaturgias musicais.

E sexto: com um maior número de produção de novas óperas, rompe-se com concepções genéricas sobre o fazer teatro musical erudito: há gente que negue tal fazer por sua pretensa moldura elitista, confundindo a obra com sua recepção. Outros, atribuem à ópera formas e modos de existência da dramaturgia do século XIX, sem perceber como a música erudita se diversificou estilisticamente e o quanto o teatro musicado erudito contemporâneo é multifacetado, transitando entre diversas linguagens, tradições, formas, roteiros, universos ficcionais. A teatralização da ópera moderna acarretou uma maior fluidez na compreensão das relações entre cena e música. Assim, sob o signo da heterogeneidade abre-se uma provocação que se manifesta em mil sonhos e desejos. Desdogmatizar a recepção da ópera, eis o desafio.

Tais horizontes e muitos outros irrompem da leitura dos textos selecionados pela organização competente e única de Livia Sabag. Sem dúvida, pela diversidade de autores, metodologias e experiências reunidas nos 15 textos desse dossiê, acredito que estamos diante de uma contribuição fundamental para se compreender os contextos da nova ópera no Brasil. Como pesquisadora, encenadora, produtora e gestora cultural, Livia Sabag tem intensamente participado de montagens, festivais e seminários no intercampo da ópera. Isso a possibilitou transitar entre pessoas e eventos que de fato fazem a nova ópera no Brasil. Realmente, ninguém mais que ela poderia nos proporcionar o acesso à múltipla cena que atualmente se desenvolve por aqui.

Relacionado ao tema do dossiê da revista, temos, nas seções “Documenta” e “Musicografias”, materiais relacionados à ópera. Durante a pandemia, a ópera de câmara *Happy Hour* foi pensada e elaborada, em diálogo com a cantora e gestora cultural Janette Dornellas e o Laboratório de Dramaturgia. A ópera foi apresentada em 6 e 7 de Junho de 2023, no Teatro Sesc Sílvio Barbato, em Brasília¹. Aqui apresentamos o material da interface de acompanhamento online do processo de montagem, a redução para piano da obra, que foi utilizada nos ensaios, e texto do regente Rafael de Abreu Ribeiro, que foi o diretor musical da produção².

Além da documentação em torno da montagem de *Happy Hour*, como uma variação do tema sobre as fronteiras e teatro, continuamos a apresentar os materiais (textos, vídeos, imagens) em torno do projeto “Huguianas”. Hugo Rodas, falecido em 2022, foi um dos maiores diretores brasileiros, e dedicou

1 Link do vídeo-registro: <https://youtu.be/XnCDkPQlj8M?si=kihqZjlerlfhZMxf>

2 A partitura completa havia sido publicada na *Revista Dramaturgias* n.17, p. 521- 724, em 2021. Link: <https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/article/view/40142/31193>

parte de seus últimos anos a um treinamento de atores por meio de aproximações entre criatividade, movimento e musicalidade. Depois de sua aposentadoria compulsória na Universidade de Brasília, passou a oferecer esse treinamento em uma disciplina chamada “Técnicas experimentais em Artes Cênicas (TEAC)”. Eu já trabalhava com ele na montagem de musicais, como compositor e dramaturgo³. Nesses treinamentos o foco não era a montagem, e sim fundamentos que servem para intérpretes integrais, que trabalham com a voz, com o movimento, tudo em interação ou não com sons disparados em tempo real. Depois da morte de Hugo Rodas, o treinamento foi retomado por mim e pelo artista e pesquisador Flávio Café, que trabalhou com Hugo por muitos anos. Nesses treinamentos, além da regência e condução da atividade interpretativa, há a presença de um compositor-músico, gerando o projeto “O compositor na sala de ensaios”. Na seção “Documenta” publicam-se os registros de vídeos e reflexões a partir das atividades do treinamento⁴.

Ainda em torno de sons e ritmos, temos as seções *Huguianas*, *Metricae* e *Orquesis*. Em *Huguianas*, Hugo Rodas nos conta sua relação com a música. Nas seções *Orchesis* e *Metricae*, os pesquisadores Marie Hélène Delavaud-Roux e A. P. David, cada qual em sua especialidade, trabalham com questões sobre métrica, dança e música a partir de textos da Antiguidade Clássica.

Complementando este número, temos a tradução de *Top Girls*, de Caryl Churchill, realizada pelo colega Fernando Pinheiro Villar, e uma entrevista com a multiartista Denise Stoklos.

Boas leituras para todos.

Marcus Mota

Editor-Chefe da Revista Dramaturgias
Brasília, 18 de setembro de 2023.

3 V. o texto “Eu e Hugo, Hugo e Eu: Materiais de uma parceria sem fim”. Revista Dramaturgias, n. 19, 2022. Link: <https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/article/view/45124>.

4 Os treinamentos foram retomados em 2022. A primeira turma, além do treinamento, redundou em um espetáculo. V. o artigo “\$MâneY\$ (2023). Documentos do processo criativo.” Revista Dramaturgias, n. 22, 2022. Link: <https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/article/view/48289>.